

PLATAFORMIZAÇÃO: CIÊNCIA E SENSO COMUM EM TEMPOS DE PANDEMIA

LELLIS, Mirian Barreto (UFMT)¹
MOREIRA, Benedito Dielcio (UFMT)²

Resumo: As limitações impostas pela pandemia de Covid-19 favorecem e ampliam a adesão às plataformas digitais, já que a busca por informações que minimizem o caos tornou-se quase viral. Isso nos mostrou que estar isolado na pandemia não significa a perda de conexão, mesmo porque a cultura digital é um dos pilares da nossa atual sociedade. Os processos tecnológicos, por meio da internet, facilitaram a interatividade, a produção e o compartilhamento de conteúdos importantes para a compreensão dos desafios vividos na pandemia. Textos, imagens, sons, memes, viralizados nas plataformas digitais, tornaram-se um suporte decisivo para amenizar as consequências pandêmicas e do trabalho da própria ciência (instituições científicas e cientistas). Nesse contexto, as plataformas durante a emergência planetária funcionam como uma espécie de janela para o mundo, permitindo e incentivando a circulação massiva de informações de toda ordem. Diante disso, indagamos como a plataformização de informações científicas podem contribuir ainda mais para que o pensamento científico circule no cotidiano da população.

Palavras-chave: Plataformização; Divulgação científica; Senso Comum.

Abstract: The limitations imposed by the Covid-19 pandemic favor and expand adherence to digital platforms, as the search for information that minimizes chaos has become almost viral. Technological processes, through the internet, facilitated interactivity, production and sharing of important content for understanding the challenges experienced in the pandemic. Texts, images, sounds, memes, viralized on digital platforms, have become a decisive support to alleviate the pandemic consequences and the work of science itself (scientific institutions and scientists). In this context, the platforms during a planetary emergency function as a kind of window to the world, allowing and encouraging the massive circulation of information of all kinds. Therefore, we ask how the platform of scientific information can further contribute to the circulation of scientific thinking in the daily lives of the population.

Keywords: Platformization; Scientific divulgation; Common sense.

1. INTRODUÇÃO

“A plataformização da sociedade refere-se à inextricável relação entre plataformas online e estruturas societais” (VAN DJICK, 2019)³. Isso porque, as plataformas deixaram muitos setores da sociedade delas dependentes e, gradualmente, influenciam na estrutura de nossas vidas. Vejamos, por exemplo, que durante a pandemia de covid-19 a internet com suas redes e plataformas possibilitaram uma série

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso, Mestra e bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela mesma instituição. E-mail: mirian.lellis@gmail.com

² Doutor em Educação pela Universität Siegen, Alemanha e Mestre em Ciências da Comunicação pela USP. Pesquisador associado e professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, e-mail: dielcio.moreira@gmail.com.

³ Informações concedidas por José Van Dick em entrevista ao site **DIGILABOUR**. 06 de março de 2019. Disponível em: <https://digilabour.com.br/2019/03/06/a-sociedade-da-plataforma-entrevista-com-jose-van-dijck/>

de benefícios para grande parte da população. Foi por meio das plataformas nas telas dos *smartphones* e computadores que conseguimos manter uma certa rotina e parâmetros de "normalidade" no isolamento como trabalhar em home-office, ter aulas on-line, entretenimento, comércio. Especialmente nos comunicar e informar sobre a pandemia e sobretudo os avanços da Ciência nesse período. Segundo Van Djik (2019), essa ferramenta digital tornou-se vital nestes tempos pandêmicos, já que para o ser humano é vital se comunicar e manter contato com o mundo.

Se por um lado o negacionismo, informações falsas e a manipulação de informações impulsionadas por robôs alcançaram o cotidiano da população, por outro encontraram nesta arena de embates ações de compartilhamento e de ativismo, estimuladas por cientistas, artistas populares, influencers e por parcela da população comprometida com o distanciamento social, uso de máscaras e com a vacinação.

Embora a ciência seja conhecida e discutida pelo distanciamento da sociedade, a ocupação de plataformas e redes sociais por cientistas reacendeu a força do senso comum, das experiências pessoais, a conquistou o apoio de setores da cultura popular até então distantes do pensamento científico. Diante disso, indagamos como a plataformização de informações científicas podem contribuir ainda mais para que o pensamento científico circule com mais vigor, em tempos pandêmicos ou não. Vale lembrar que senso comum foi capaz de fornecer hipóteses para as pesquisas científicas da Covid, desmistificou crenças, auxiliou na luta contra a desinformação, as fragilidades e a desconfiança na ciência. Como consequência, contribuiu para a divulgação científica⁴, fortalecimento da cultura científica e ampliou o encontro do pensamento científico com as experiências pessoais compartilhadas no cotidiano.

2. PLATAFORMIZAÇÃO DA CIÊNCIA

A digitalização da cultura, principalmente por meio da rápida expansão das redes e da proliferação viral de conteúdo via plataformas contribui para uma espécie de “mutação cultural” (GOMES, 2009) a desafiar a divulgação de ciência a acompanhar e propor meios e medidas que atendam aos anseios da sociedade. É inegável que as práticas cotidianas foram facilitadas com as inovações tecnológicas, e, sem dúvida, os *smartphones* são os responsáveis pela simplificação das atividades e da nossa interação e interrelação, não só pelo aspecto da mobilidade comunicacional, mas, principalmente

⁴ Também será utilizada a sigla DC para nos referirmos a divulgação científica

pela instantaneidade, pela conexão com o mundo ao nosso redor, na palma da mão. Castells (1999) analisou o processo de mudança nas nossas relações com a tecnologia e a construção de uma nova forma de estrutura social constituídas pelas telas a quem ele chamou de "Sociedade em rede" e que "[...] se constituiu como um sistema global, renunciando a nova forma de globalização característica do nosso tempo" (CASTELLS, 1999, p. II).

Essa nova organização da experiência humana na Era da Informação, por meio das tecnologias digitais, das redes sociais e organizacionais é caracterizada pela simultaneidade do tempo real, da quebra de barreiras físicas que diminuem a distância, visto que por meio delas hoje é possível conversar e interagir com qualquer pessoa a qualquer hora e lugar em tempo real ou ainda visitar museus sem sair de casa e até assistir a shows de nossos artistas favoritos em *lives*⁵ pelas mídias sociais, aplicativos e plataformas. Esses exemplos nos chamam atenção para o fato de que a essa nova forma de globalização trouxe sim mudanças significativas, mas também potencializaram muitos hábitos que já nos eram comuns e na pandemia vimos essas práticas tornarem-se cada vez mais indispensáveis. Atualmente, pensar em um mundo sem essas conexões características já não é mais possível.

Van Dijck (2013) explica que as atividades cotidianas na sociedade em rede são muito parecidas com os tipos de interação realizada fora dos ambientes digitais: conversar com os amigos e familiares, assistir vídeos caseiros e mostrar fotos de uma viagem são hábitos que detinham um aspecto particular e até efêmero. Já com o uso das mídias sociais adquiriram espaço e publicidade que não tinham, pois depois de registrados nas plataformas, com um clique é possível resgatar esses momentos e acessá-los novamente.

A plataformização das relações sociais também podem ser atribuídas à forte presença da ciência e do conhecimento científico, já que a plataformização "envolve a reorganização de práticas e imaginários culturais em torno dessas plataformas" (VAN DIJCK et. al., 2020, p. 2) Isso ficou muito evidente com a pandemia de Covid-19, vimos uma reorganização de práticas culturais e também o surgimento de movimentos e aberturas institucionais e da própria sociedade para *ocupar espaços*⁶ não convencionais como as plataformas para falar de ciência, para levar esclarecimentos, amparo e

⁵ *Lives* é a maneira como ficou conhecida as transmissões ao vivo feitas pela Internet, principalmente nas mídias sociais.

⁶ Quando dizemos "ocupar espaços" estamos nos referindo ao uso de espaços digitais não tradicionais que costumemente não eram usados para essa finalidade de divulgação científica.

divulgar informações e avanços científicos para o grande público de forma acessível, segura e em formatos diferenciados.

Partindo da ideia de "Cultura da participação" de Jenkins (2009), observamos que o grande público diante da pandemia parece reconhecer seu papel ativo-participativo nas mídias e não mais apenas como consumidores de produtos. Claro que isso é um movimento que não surgiu na pandemia, e sim algo que tem se apresentado há alguns anos, no entanto entendemos que na pandemia, especialmente no Brasil, o grande público teve um papel bastante determinante em decisões e adoção de medidas que pudessem frear os processos de contágio. Vimos o negacionismo, obscurantismo, ideias cético científicas, anticiências, *fake news* e a manipulação de informações impulsionada por robôs alcançarem o cotidiano da população. Mas, em contrapartida, vimos ações de compartilhamento e de ativismo, estimuladas por cientistas, artistas populares, *influencers* e por parcela da população comprometida com o distanciamento social, uso de máscaras e com a vacinação. É importante aqui refletir sobre a presença das plataformas nesse processo de divulgação científica como uma ferramenta de popularização da ciência.

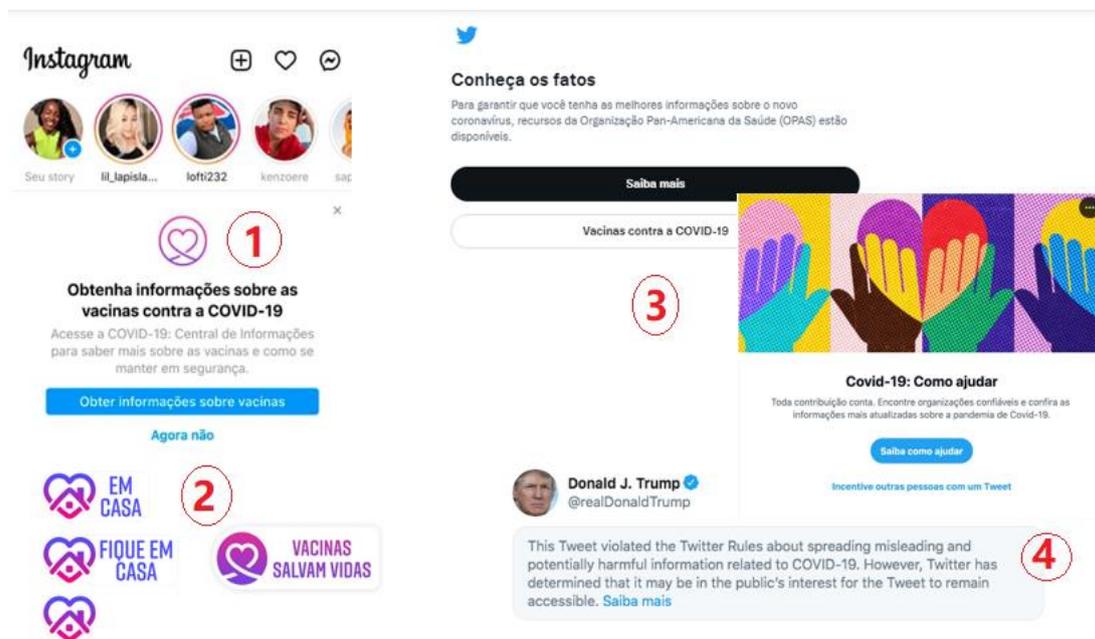
Nesse sentido, observamos que iniciativas de plataformas sociais como *Instagram* não só ajudou na DC impulsionando informações confiáveis, mas contribuiu diretamente para isso com a adoção de medidas para aumentar a qualidade das informações e evitar divulgação de boatos sobre coronavírus. Entre as medidas adotadas estavam mudanças na busca: qualquer procura pelos termos "coronavírus" ou "Covid-19" resultava em uma mensagem educacional, com conexão a informações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e de ministérios da saúde locais, conforme mostra a marcação 01 na figura 01. E ainda chamou os seus usuários para ajudar na conscientização e medidas de prevenção por meio dos *Gifs*, *stickers* ou adesivos dos *stories*⁷ com lembretes sobre lavar as mãos ou manter distância física e ainda serve para mostrar que o usuário estava em isolamento (ver marcação 2 na Figura 01).

O *Twitter*, assim como outras redes sociais, também desenvolveu de páginas específicas sobre a covid-19 com orientações sobre os sintomas, e os avanços nas pesquisas, tratamento e vacinas (ver marcação 3 na Figura 01). Além disso, a rede passou a monitorar de forma mais branda as interações e até bloquearam perfis que publicavam informações contraproducentes, como foi o caso de algumas figuras

⁷ *Stories* é um recurso de interação de algumas redes sociais como Instagram e Facebook que permite aos usuários postarem fotos e vídeos que desaparecem após 24 horas.

emblemáticas nesse período pandêmico, como o Ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump que teve sua conta no *Twitter* suspensa em 2020 por usar termo “vírus chinês”⁸, sugerindo que o vírus teria sido “fabricado” pelos chineses, dando origem a uma onda de xenofobia contra a população asiática. (Ver marcação 4 na Figura 01).

Figura 01 – Iniciativas de DC *Instagram* e *Twitter*



Fonte: montagem dos autores. Reprodução/divulgação da internet.

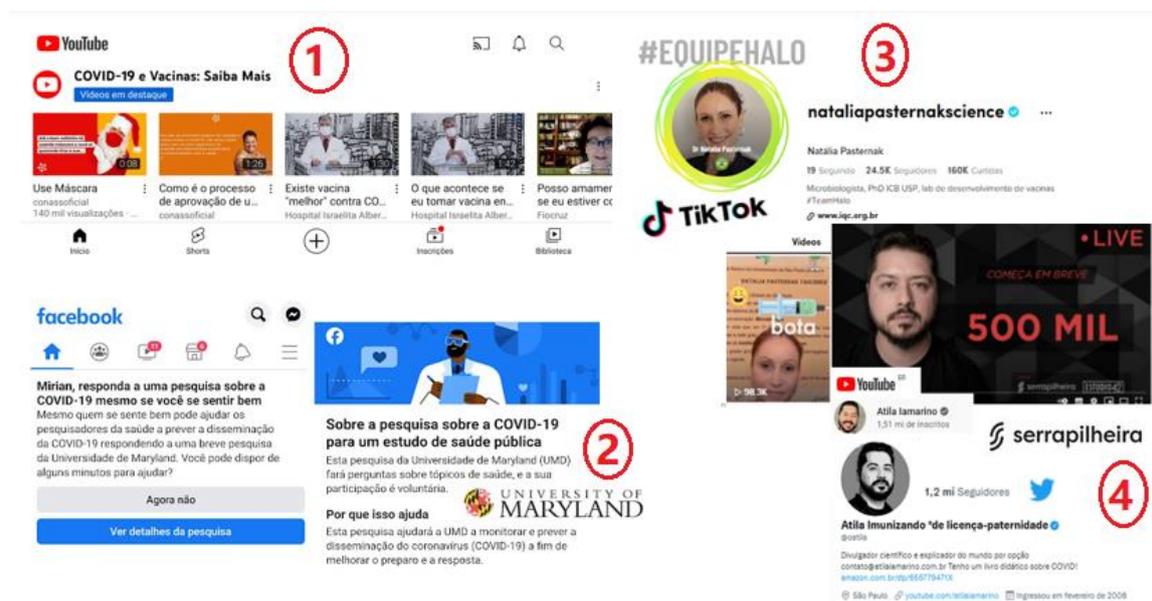
O *Youtube*, a maior plataforma de vídeo do mundo, criou uma sessão específica para vídeos institucionais e fontes verificadas e confiáveis sobre a pandemia. A sessão chamada de “Covid-19 e Vacinas: Saiba mais” coloca em destaque vídeos de especialistas e conteúdos relacionados à doença (marcação 1 na Figura 02). Instituições diversas como Butantan, Fio Cruz, CONASS - Conselho Nacional de Secretários de Saúde, entre outros, contribuíram com essa ação do *Youtube* para divulgar e a circular informações de qualidade e seguras. A plataforma também atuou fortemente contra a disseminação de informações duvidosas retirando conteúdos que disseminavam *fake news* sobre a Covid-19 e derrubou *lives* como a do Presidente Jair Messias Bolsonaro em setembro de 2021, quando o presidente defendeu o tratamento precoce para a doença⁹.

⁸ Informações publicadas na matéria “Trump gera mal-estar ao usar termo ‘vírus chinês’ para se referir ao coronavírus”, CNN Brasil, em São Paulo, 17 de março de 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/trump-gera-mal-estar-ao-usar-termo-virus-chines-para-se-referir-ao-coronavirus/>

⁹ Informações publicadas na matéria “Bolsonaro defende uso de ivermectina contra COVID-19 e live é interrompida”, Estado de Minas, 16 de setembro de 2021. Disponível em:

O *Facebook* formou parcerias com instituições como Harvard que usou a plataforma para fazer levantamento sobre sintomas, comportamentos na pandemia (marcação 2 na Figura 02). Observamos também grandes instituições internacionais como a ONU, que por meio de cientistas como Natália Pasternak e plataformas como o *TikTok* (ver marcação 2 na Figura 02) desenvolveram projetos para divulgar informações corretas sobre a Covid-19 e também tivemos iniciativas próprias de divulgadores científicos como Àtila Iamarino, em parcerias com Instituições científicas como Unicamp, USP e Instituto Serrapilheira para esclarecer e alertar sobre muitas informações e teorias duvidosas (marcação 4 Figura 02). E vimos também uma abertura maior das instituições “pegando carona” na plataformização para divulgar suas pesquisas e informar o grande público sobre a Covid-19, como foi o caso do Butantan com a parceria com o MC Fioti e o hit “Bum bum tantan”.

Figura 02 – Iniciativas de DC Youtube, Facebook e TikTok



Fonte: montagem dos autores. Reprodução/divulgação da internet.

Castells entende que há "[...] uma característica comum a todos os processos de construção simbólica: eles dependem amplamente das mensagens e estruturas criadas, formatadas e difundidas nas redes de comunicação multimídia" (CASTELLS, 2013, p. 14). Essa característica comum referida pelo autor funciona como um mecanismo de agrupamento de opiniões coletivas, e nas plataformas esse coletivo de pensamento se utiliza muito das *hashtags* como estrutura de organização comunicacional nas mídias

sociais, pois elas “ajudam a humanizar situações que poderiam soar distantes caso fossem representadas apenas por percentuais em títulos de reportagens. Nesse contexto, a “#” é bastante valiosa para grupos que têm menos voz na sociedade” (TERRA, 2019)¹⁰. Essa mobilização coletiva por parte do grande público ficou evidente com o uso das *hashtags* (#) para destacar as palavras-chave relacionadas aos posts de apoio às medidas de contenção durante toda a pandemia e ainda hoje. Dentre as *tags* mais engajadas no Brasil tivemos a #fiqueemcasa, com mais de 1,4 milhões de compartilhamentos¹¹, conforme apontou o levantamento realizado por Ferentz et, al (2020). Isso sinaliza a participação e apoio dos brasileiros à ciência e as medidas de prevenção e contenção indicadas pelos cientistas.

Ademais, ao contrário de outros eventos, as ações populares nas plataformas durante a pandemia não usaram só a *hashtag* para engajar discussões, informações e protestos. Outra característica simbólica foi o uso de memes e músicas, como por exemplo o hit da Vacina “Bumbum tan tam” encabeçada pelo funkeiro MC Fioti viralizou correndo o mundo e se tornou quase uma música obrigatória no compartilhamento de vídeos e postagens pró-vacina. Esse exemplo nos faz lembrar ainda que, embora a ciência seja conhecida e discutida pelo distanciamento da sociedade, a ocupação de plataformas e redes sociais por cientistas reacendeu a força do senso comum, das experiências pessoais, e conquistou o apoio de setores da cultura popular até então distantes do pensamento científico.

3. SENSO COMUM

O senso comum, conforme definição corrente do dicionário on-line é um “conjunto de ideias e opiniões que é aceito pela maioria das pessoas de um grupo ou sociedade, geralmente imposto e desprovido de valor crítico; consenso, senso habitual”. Dourado (2018) complementa a definição concebendo-o como um pensamento simples e superficial oposto ao conhecimento científico. Essas definições parecem diminuir a importância do senso comum para a construção do conhecimento científico. No entanto, é preciso ponderar e tentar compreender a realidade e o processo envolvido na construção do senso comum, visto que muitas vezes o conhecimento adquirido foi

¹⁰ Informações fornecidas por Adriana Terra na matéria “#NãoÉSóUmaHashtag”, publicada pelo TAB UOL em 10 de janeiro de 2019.

¹¹

apreendido por meio da experiência, da observação (SILVA, 2011) e/ou da transferência de saberes, crenças e informações.

O senso comum sobre a ciência é uma das formas em que a sociedade percebe e justifica suas crenças no progresso e também uma das formas usadas para justificar práticas. Enquanto a ciência é, muitas vezes, contraditória e complexa, o senso comum é mais simples de entender e tem uma coerência que obedece muito mais às suas funções sociais do que a lógica formal. Isso não significa dizer que o senso comum não é coerente, e sim entender que ele traz, muitas vezes, contradições e ambiguidades em suas implicações que podem se chocar com os supostos científicos.

Parece não haver nada mais cotidiano do que as ideias ligadas ao senso comum ou a resolução de problemas usando a experiência vivida em outras situações ou os conselhos dos saberes populares. E em grande parte das vezes agimos assim diante de dificuldades. Vejamos, por exemplo, na pandemia de Covid-19: a experiência vivida em outras pandemias nos deu base para agirmos nesse contexto, como as medidas de distanciamento, isolamento, cuidados redobrados com os grupos de riscos, uso de máscaras e higienização constante são exemplos de tomada de consciência baseadas no senso comum, pois há muito tempo utilizamos essas medidas para lidar com diversas doenças.

As descobertas e avanços científicos muitas vezes omitem em seus processos originários experiências da vida vivida, do senso comum. Esse pensamento construiu, ao longo da história, a ideia de que a ciência é a única e legítima produtora de verdades (SILVA, 2011). Ademais, o relacionamento entre ciência e senso comum é bastante complexo não só pelos mitos e hierarquização criadas em torno dessa relação, mas também pela própria complexidade do conjunto que forma a ciência e o senso comum. Especialmente com relação à ciência, vemos suas práticas, instituições e coletivos de pensamentos se originar dessa complexidade e contribuírem para cercar o conhecimento científico, distanciando-o da interação com o meio social.

O senso comum pode não ser um tipo de conhecimento reconhecido no processo científico, mas é inegável sua força e importância na vida cotidiana e na ciência. Durante a emergência planetária de Covid, encontramos no senso comum um auxílio desburocratizado, objetivo e de certo modo democrático, pois no momento em que fomos atingidos por realidades extremas, passamos a ocupar espaços, a lançar nossa voz sobre a situação e disseminar opiniões a partir de suas próprias experiências. Isso

porque, em meio a *desinfodemia*¹² e as habituais “receitas milagrosas” para curar a doença e métodos infalíveis para exterminar o vírus, as desinformações circularam sob a falsa ideia de ciência, e favoreceram o surgimento de iniciativas por parte do grande público de suas observações, experiências e vivências que buscaram combater esse quadro caótico. E por meio do uso do senso comum na busca de informações e conteúdos sobre a doença, acesso aos noticiários, interações nas redes sociais por meio das imagens, dos memes, dos textos e áudios que muitas hipóteses e dúvidas sobre a covid foram derrubadas, comportamentos foram mudados e indivíduos tornaram-se mais conscientes do seu papel no combate à disseminação do vírus.

4. PLATAFORMAS TAMBÉM FURAM BOLHAS!

Sabemos que o lugar da ciência e do conhecimento científico na cultura da sociedade, bem como as formas de conhecimento dos cientistas e do público comum, contribuem para o debate e construção da cultura científica (VOGT, 2006). Ao mesmo tempo, ajuda a expandir a confiança na ciência e tecnologia, confiança essa que é baseada na interação entre especialistas e leigos (GAGO,1990). Uma bipartição que marca nossa civilização técnico-científica, visto que de um lado temos pensamento racional e métodos científicos especializados, do outro observamos o senso comum, percepções intuitivas e experiência dos saberes leigos, ambas se contrapondo, mas, ao mesmo tempo, se colocam como formas complementares de investigação e produção da ciência.

Mas, apesar de muitos especialistas compreenderem essa dinâmica e terem noção de que a interação é uma responsabilidade compartilhada e que cabe aos leigos e especialistas (inter)agirem para que a confiança seja estabelecida, a realidade é pouco fiel à ideia. Isso evidencia que o processo comunicativo ainda hoje segue preceitos antigos e inadequados à vida contemporânea, pressupondo que a mensagem parta dos especialistas e, portanto, é responsabilidade destes divulgar ou permitir a divulgação do conhecimento científico ao grande público, sob o risco de o grande público não receber a informação em termos sensacionalistas ou distorcidos. Por causa disso, a DC por meio das plataformas de áudio com os *podcasts* e vídeos, sejam eles caseiros ou

¹² *Desinfodemia* é um termo cunhado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e no relatório *Disinfodemic: deciphering covid19 disinformation*, um estudo sobre a origem e disseminação das *fakes news* sobre o coronavírus. Disponível em: <https://en.unesco.org/sites/default/files/disinfodemic_deciphering_covid19_disinformation.pdf>. Acesso em: 13 mai 2020.

institucionais, possibilitam a disseminação e circulação de conhecimento científico por diferentes atores não só ao especialista. Veja por exemplo a plataforma *TikTok*¹³ que ganhou muito engajamento durante a pandemia com os *challenges*¹⁴, memes e danças coreografadas. O aplicativo mostra toda a sua versatilidade e alcance de público com a produção de conteúdo envolvente, com uma série de efeitos, músicas, linguagens criativas não só para o entretenimento, mas também para disseminar conhecimentos de ciência, tecnologia e inovação em vídeos curtos produzidos tanto por pessoas comuns como por especialistas e até instituições científicas.

Exemplos de ciência nessa plataforma com sucesso de público não faltam. Um caso muito emblemático foi o do ator Emerson Espíndola (@mister.emerson), que viralizou no *TikTok* com seus vídeos com curiosidades sobre o corpo humano, que misturam humor e atuação. Apesar de não ter formação científica o *tiktoker* passa a informação investigada de forma simples e em uma linguagem acessível e performática, e isso ajudou a acumular mais de 1,7 milhões de seguidores e 33,4 milhões de curtidas em menos de um ano na plataforma. Outro exemplo é a bióloga Ana Cristina Duarte (@anacnd) que interage com o público do aplicativo ao mostrar diversos itens e coisas do nosso cotidiano no microscópio. Ana tem mais de 2 milhões de seguidores e 35 milhões de curtidas, tudo isso em apenas 8 meses de interação nessa plataforma. A circulação desses vídeos faz enorme sucesso porque partem do senso comum, de ideias e curiosidades dos próprios usuários, do que eles vivenciam no cotidiano e de alguma forma não param e/ou nunca pararam para observar e refletir sobre. Além disso, o formato também contribui muito para essa popularização, pois, os *tiktokers* buscam conciliar a informação científica com diversão.

Figura 03 – Iniciativas de DC de populares no *TikTok*

¹³ O *TikTok* é uma plataforma chinesa focada na produção de pequenos vídeos, de até 15 segundos em que qualquer usuário pode produzir, editar e compartilhar o material na rede de forma gratuita.

¹⁴ *Challenges*, a palavra em inglês que significa "desafios" consiste em fazer vídeos inusitados e postá-los nas redes sociais, principalmente no *TikTok* e *Instagram*.

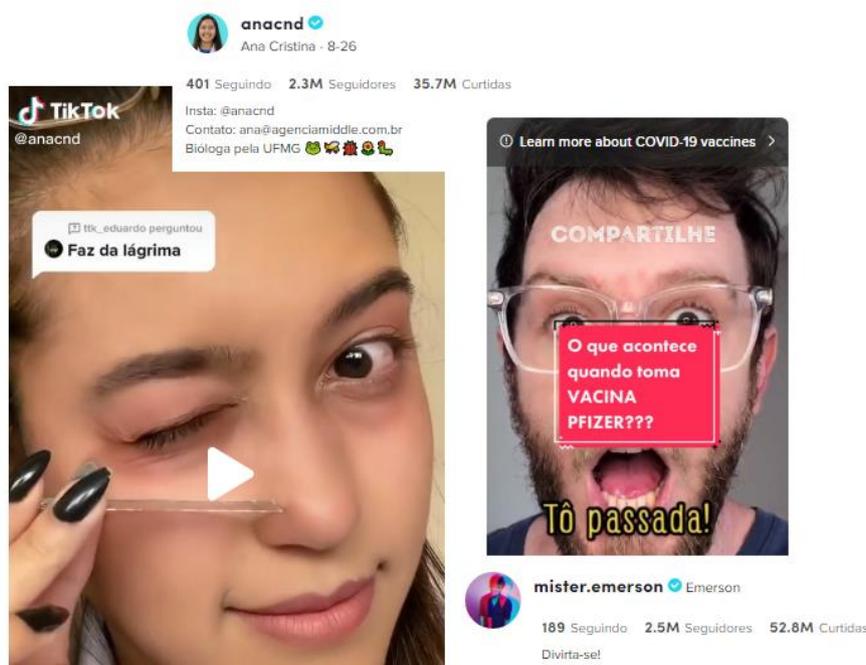


Foto: captura de tela da autora (2021)/ reprodução via TikTok

Também é preciso pensar que além desse movimento inverso na forma como a divulgação científica é produzida, há outro fator que colabora para que a plataformização da ciência seja igualmente inovadora, é a questão do público da DC brasileira. Quando olhamos para o público de divulgação científica no Brasil estamos olhando, em sua maior parte, para jovens e adultos, de maior poder aquisitivo e alta escolaridade. Essas características são limitantes numericamente falando, visto que diminui o quantitativo de pessoas a serem atingidas pelas informações e restringe os meios de fazer divulgação e conseqüentemente, atinge os próprios divulgadores. Desse modo, a plataformização da ciência “fura a bolha de jovens e adultos de classe média e alta escolaridade, público comum da divulgação científica no Brasil” (FERNANDES, 2020)¹⁵, assim, as plataformas de áudio e vídeo conseguem atingir um público amplo de diferentes camadas sociais e faixa etárias que não está necessariamente interessado em ciência.

E especialmente diante do contexto atual de pandemia da Covid-19, as plataformas de áudio como *Spotify*, *Deezer*, *Google Podcast*, entre outras, também são destaques na plataformização da ciência com conteúdos exclusivos voltados para o conhecimento científico. O podcast é inovação no processo de mediação e dele se beneficia a divulgação da ciência e tecnologia voltada ao público não especializado e

¹⁵ Informações fornecidas por Hugo Fernandes no episódio de Podcast “Como falar de ciência para todo o mundo?” do programa *Ciência, etc.*, da Jangadeiro BandNews FM, em 2 de dezembro de 2020.

prestando um serviço à sociedade (Massarani, 1998). Enquanto processo midiático de produção e distribuição de conteúdo, o *podcasting* ganha espaço tanto de leigos quanto de especialistas.

Para se ter uma ideia de como os conteúdos científicos são de interesse do público brasileiro, sobretudo na forma de *podcast*, o *Podpesquisa 2020*¹⁶ e as plataformas *Spotify* e *Google Podcast* notabilizaram um ranking de programas mais acessados em 2020 e em todos eles o *NerdCast*¹⁷, apareceu como o *podcast* mais ouvido no Brasil. O *GooglePodcast* divulgou uma lista¹⁸ com os 10 *podcasts* mais ouvidos em 2020 e nessa lista há três *podcasts* de ciência: *NerdCast*, *Xadrez Verbal* e *BrainCast*.

É notório o movimento de grupos de comunicação que passaram a criar conteúdos de forma colaborativa com especialistas para o *podcast*, visto que

[...] o *podcast* nos abriu um leque com pesquisadores do Brasil inteiro, do mundo inteiro. É uma alternativa que chegou no contexto da pandemia, mas chegou para ficar, por conta dessa possibilidade [...] de divulgar a ciência, divulgar as informações corretas, o que a ciência está produzindo” (GRANDI, 2021)¹⁹.

Nesse sentido, várias instituições científicas, mídias jornalísticas e cientistas estão “pegando carona” com o *podcasting*, criam conteúdos de forma colaborativa com referências nas áreas científicas, unidos a uma só finalidade: passar informações confiáveis, fazendo com que o conhecimento científico seja popularizado. Entre vários exemplos, citamos os *podcast* “Luz no fim da quarentena” da *Revista Piauí*, “Coronafatos” da Fio Cruz, “Saúde com Ciência” da UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais, “Epidemia” uma parceria do 37 Graus com a Folha de São Paulo, a UFU – Universidade Federal de Uberlândia produz o “Ciência ao pé do ouvido” com parcerias com universidades como a Unicamp e a Fiocruz e “A Hora da Ciência” do *O Globo* com Nathália Pasternak, uma das cientistas que se tornou “a cara da ciência” durante a pandemia.

¹⁶ PodPesquisa é a primeira pesquisa do Brasil focada exclusivamente na cadeia produtiva de *podcast*. Relatório está disponível em: https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultados.pdf

¹⁷ O *NerdCast* nasceu em 2016 e é um desdobramento do *Blog Jovem Nerd*, um dos pioneiros a popularizar ciência meio das redes desde 2002. A produção tem seu conteúdo focado na cultura nerd do Brasil e aborda história, ciência, cinema, quadrinhos, literatura, tecnologia, games, entre outros assuntos.

¹⁸ Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2020/12/21/noticias/podcasts-mais-escutados-no-google-durante-a-quarentena/>

¹⁹ Informações fornecidas por Maria Luiza Carvalho de Grandi [entrevistado] à Eduarda Paz [entrevistador] para a matéria “A importância do *podcast* para produzir e divulgar conteúdos” da *Revista Arco* [On-line] de 18 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/podcast/>

Figura 4 – Podcasts de ciência na pandemia



Foto: montagem da autora (2021)/ reprodução via Internet

O *podcast* é um meio versátil e eficaz para popularizar conhecimentos científicos e aproximar ciência e sociedade. Esses exemplos da plataforma do conteúdo científico evidenciam a força e a importância da ciência para o grande público, e ainda sinalizam positivamente para a ocupação de espaços com os diferentes formatos de conteúdos que atendam aos anseios da sociedade ao circular para a maior quantidade de pessoas e “furar as bolhas” individuais e coletivas das quais fazemos parte.

Diante desses elementos comunicacionais da “cultura da conexão”²⁰, Luhmann (1993) defende que uma das características das mais fortes da sociedade contemporânea é uma maior consciencialização do cidadão comum frente aos efeitos das tecnologias no cotidiano, que vêm dar lugar a novos padrões de relacionamento entre ciência e sociedade. Por isso é pertinente que as instituições científicas e os próprios cientistas se abram aos novos formatos de popularização da ciência como as plataformas, pois já não cabe mais a ideia dominante em épocas passadas: aos leigos faltam-lhes compreensão e interesse na ciência. Sendo assim, as mudanças comunicacionais da vertical para a horizontal, nas quais não mais temos atores fixos, todos são produtores e receptores de conteúdo, ajudam a promover novas práticas de divulgação científica. O resultado disso, segundo Roqueplo (1983) é o desenvolvimento de uma cultura científica que reforça os efeitos e impactos da própria ciência.

²⁰ A expressão cultura da conexão foi desenvolvida por Jenkins (2015) para designar o modo como se dá a produção e compartilhamento de conteúdos nas mídias com base na cultura em um ambiente que está em constante mu

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A consolidação das mídias sociais tem auxiliado na comunicação entre gestores e população, principalmente no que se refere a conscientização das pessoas. Durante a emergência planetária funcionam como uma espécie de janela para o mundo, permitindo e incentivando a circulação massiva de informações de toda ordem, especialmente auxiliando o enfrentamento da pandemia, por meio da interatividade, a criação, produção e o compartilhamento de conteúdo em textos, imagens, sons, memes; tornaram-se um suporte decisivo para amenizar as consequências, como o desemprego e a fome, por exemplo, de centenas de milhares de pessoas e para o trabalho da própria ciência (instituições científicas e cientistas).

As iniciativas aqui mencionadas se tornaram referências muito pelo meio que as abrigaram. O uso das plataformas digitais para fazer circular com mais vigor o conhecimento científico vem mostrar que a ciência ocupa lugares incomuns e prova que a cultura científica apresenta modos de relação com a ciência voltados para a produção, a difusão, o ensino e a divulgação do conhecimento científico. A plataformização da ciência rompe com diversas barreiras em torno da ciência, primeiro porque parte do espaço externo aos laboratórios e vem recebendo o apoio dos cientistas ao levar à sociedade os conhecimentos produzidos por cientistas, não na linguagem hermética que caracteriza as comunicações entre eles, mas de forma compreensível, agradável e divertida.

O senso comum é uma forma de conhecimento libertador que dialoga com o conhecimento científico e enriquece a nossa relação com o mundo e na pandemia foi capaz de fornecer hipóteses para as pesquisas científicas da Covid-19. Esse conhecimento informal também ajudou a desmistificar crenças em curas milagrosas e ainda auxiliou na luta contra a desinformação, as fragilidades e a desconfiança na ciência. Como consequência, contribuiu para a divulgação científica e para o fortalecimento da cultura científica.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DOURADO, Ivan P. Senso comum e Ciência: uma análise hermenêutica e epistemológica do senso comum de oposição. **Educ. rev.**, Curitiba, v. 34, n. 70, p. 213-229, Ago. 2018.

FERENTZ, L; FONSECA, M. N; ACCIOLY, N. S.; GARCIA, C.M.; Hashtags relacionadas à COVID-19 no Brasil: utilização durante o início do isolamento social. **Com. Ciências Saúde** [Internet]. 13º de julho de 2020;31(Suppl1):131-43. DOI: <https://doi.org/10.51723/ccs.v31iSuppl%201.690> Acesso em: 10 jan. 2022.

GAGO, J. M.; Manifesto para a Ciência em Portugal, Lisboa: Gradiva, 1990.

GOMES. **Cultura Científica**: sua importância para uma cidadania consciente. Secção Autónoma de Ciências Sociais, Jurídicas e Políticas. Universidade de Aveiro, Portugal, 2009. Disponível em: <http://www.csjp.ua.pt> Acesso em: 06 mai 2021.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, H. **Cultura da Conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. Tradução: Patrícia Arnaud. São Paulo: Aleph, 2015.

LUHMANN, N. **Introdução à Teoria dos Sistemas**. Tradução de Ana Cristina Arantes Nasser. Petrópolis: Vozes, 2013.

MASSARANI, L. M. A. Divulgação científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 20. 19 nov. 1998. **Dissertação** (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ/ECO, Rio de Janeiro. Orientadores: Lena Vania Ribeiro Pinheiro e Ildeu de Castro Moreira.

MOREIRA, I. A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no Brasil. In: **Inclusão Social**, Brasília, V. 1, n. 2, 2006, p.11-16. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1512/1708>. Acesso em: 02 jan 2022.

ROQUEPLO, P.; **El reparto del saber**: ciencia, cultura, divulgación. Barcelona: Gedisa, 1983.

SILVA, S. S. **A relação entre ciência e senso comum**. Ponto Urbe [Online], p. 1-9, 2011.

TERRA, A. #NãoÉSóUmaHashtag. 14 jan. 2019. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/edicao/hashtag/> Acesso em: 09 jan, 2022.

VAN DIJCK, J. **The Culture of Connectivity**: A Critical History of Social Media. Nova York: Oxford University Press, 2013.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WAAL, M.C. Plataformização. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. 22(1):2-10 janeiro/abril 2020. DOI:10.4013/fem.2020.221.01

VOGT, Carlos. **Cultura científica: desafios**. São Paulo: Universidade de São Paulo; Fapesp, 2006.